



Os atletas e a Constituinte

"Como atleta, acho que a forma como o CND influencia minha vida é muito ruim, péssima, indesejável. É composto de pessoas inaceitáveis. Mas claro que há avanços, até porque eles têm que mostrar serviço."
(Afonso)

"O Tubino foi a melhor coisa que podia ter acontecido ao esporte brasileiro."
(Djan Madruga)

"Eu sou a favor de se convocarem 18 pessoas para a seleção de vôlei, para depois cortar seis. Faz parte da natureza humana sentir-se em xeque e encarar isso como estímulo." (Isabel)



Eles querem mudanças: é agora ou nunca

□ A desunião

Nas três horas em que conversaram, Isabel, Djan Madruga e Afonso foram mais céticos que otimistas, mais realistas que sonhadores. O realismo dominou definitivamente a última parte do encontro e eles concluíram que não basta criar comissões com nomes sofisticados e longos: é preciso mobilizar realmente a categoria, sempre temerosa do confronto com o dirigente e exageradamente individualista. Tarefa difícil.

"A natação tem o dirigente que merece. O Dinard está lá porque os nadadores deixaram", queixou-se Djan, sem esconder a amargura de quem mergulhou por inteiro na formação da União Nacional dos Nadadores, ano passado, e não atingiu seu objetivo principal, que era afastar Rubem Márcio Dinard da Confederação. "O atleta não tem a menor consciência de classe, não sabe até onde pode ir", reforça Isabel, acrescentando que o próprio presidente da Confederação Brasileira de Vôlei, Carlos Arthur Nuzman, chegou a sugerir aos jogadores que criassem sua representação. "Não sei o espaço que essa representação teria, mas o Nuzman deu o toque. E não se fez nada."

Afonso mostrou menos rigor com o nível de conscientização dos atletas — talvez porque há mais de 15 anos já brigasse sozinho por seu passe livre, sem o apoio dos companheiros. "Olha, o futebol está cada vez mais elitizado, o nível de qualidade está caindo, mas, talvez porque as necessidades sejam enormes, vejo aumentar o interesse dos atletas por sua união. Jogadores como Delel, Roberto, Zico, Sócrates, Vladimir, Arturzinho me surpreenderam pelo interesse. É tudo muito incipiente, mas não estamos parados", diz ele, para acrescentar, referindo-se ironicamente aos cerca de 3 mil votos que recebeu dia 15 de novembro: "Nem acho que esteja sozinho, apesar dessa eleição."

O problema é que o atleta sempre está, de certa forma, sozinho, mesmo nos esportes coletivos. O depoimento é de Isabel: "Imagine que você tem 18 anos e foi convocado para a Seleção. Os critérios não são só técnicos, são múltiplos, incluem também questões de relacionamento. Você já está brigando por uma coisa chamada posição. É compreensível que você morra de medo de questionar o sistema, a sua briga é outra, você quer brilhar, acontecer. Isso é extremamente individual. Por isso a representação é importante, pois aí você fala pela classe e fica impossível para o dirigente individualizar, punir".

Djan Madruga, sem dúvida escaldado, apresenta outro problema: "Os atletas de nível B, que fazem do esporte um bico, não querem esquentar a cabeça: afinal, pensam, isso vai durar no máximo uns quatro ou cinco anos. E há outros, que são profissionais, que não querem se mexer porque estão bem. Conversei com várias pessoas do vôlei masculino sobre a possibilidade de uma associação e eles diziam: ah, eu estou ganhando muito dinheiro, associação para quê?"

Apesar de tudo isso, eles vão tentar de novo. Afonso lembra que o momento é propício, pois a Constituinte vai rever "tudo nesse país, nós não podemos ficar para trás agora". Djan apóia uma reunião que cria uma comissão de atletas, um lobby para atuar na Constituinte. O senador Jamil Haddad (PSB-RJ) é um dos visados. Isabel, horrorizada ao saber que a legislação esportiva brasileira vem do Estado

Novo, também adere. Com uma ressalva: "A minha visão da Constituinte é outra".

□ O desgoverno

A visão "outra" de Isabel detona uma discussão sobre política esportiva — que não existe atualmente no Brasil, na opinião do três — e como orientá-la em um país do Terceiro Mundo. Neste ponto Isabel é incisiva: "É ridículo se pensar em medalha no Brasil, em esporte como bandeira do país. Talvez daqui a uns 40 anos, mas agora, com tanta gente passando fome?"

O que Isabel espera da Constituinte é um esporte de função social. "Minha maior preocupação é o menor abandonado. Talvez porque eu seja mãe, quando como uma pizza na rua, tem 300 atrás de mim pedindo um pedaço. Eu trabalhei com um grupo de crianças e adolescentes assim, no ano passado, e percebi que o esporte funciona de forma genial contra esse problema. Meninas que tinham transado todo tipo de drogas, todo tipo de violência, sexual ou não, descobriam um mundo novo através do esporte, uma transa de descobrir seus limites, de reconhecer o outro. Mas todo mundo só pensa no esporte de elite. Ora, apareceu o João do Pulo, parabéns! Pode-se até trabalhá-lo no sentido da massificação. Mas a prioridade deveria ser o esporte como força de formação do povo. Em Cuba, as crianças escolhem entre milhões de modalidades..."

Djan interrompe o discurso brusca-mente: "É, mas em Cuba, aos 15 anos, o cara tem que escolher entre cortar cana, lutar em Angola ou fazer esporte. É claro que ele, se puder, vai escolher o esporte." Depois de segundos de silêncio, a reação vem forte. "É qual a opção que se tem aqui? Matar?", pergunta Isabel. "Nós não podemos falar de país nenhum, só da África do Sul e olhe lá."

O fato é que a pregação de Isabel a favor de um esporte-educação — uma preocupação, pelo menos declarada, da SEED-MEC — não repercute muito. O assunto logo volta ao esporte de elite, que também se ressentem de uma política definida, na opinião de Afonso: "Nós temos grandes atletas de futebol, vôlei, natação, atletismo. Mas não há uma política. Então, de vez em quando explode um. Foi o futebol, agora é o vôlei. Mas o que acontece inevitavelmente é que eles acabam caindo no vazio. Sem contar que ninguém presta contas de nada." Isabel arremata: "E os estádios faraônicos? Fazem estádios assim, que nunca têm jogos importantes. Será que a população quer isso?"

□ O cartola

Perfil do dirigente esportivo brasileiro: despreparado, diletante, com um interesse no cargo que pode ser financeiro, político ou apenas de vaidade. O retrato é traçado por Djan Madruga, que considera Rubem Dinard, responsável pela natação desde a época da CBD e que no ano passado perpetuou-se no cargo através de seu filho, um caso exemplar de vaidade. "Dinheiro não é, porque não rola. É orgulho mesmo, uma postura de 'é meu, ninguém bota a mão'. Está morrendo e não quer largar o poder", diz ele. Afonso concorda: "É uma incompetência só."

Embora Isabel ache que Nuzman faz um bom trabalho no vôlei, a ponto de querer que ele continue no cargo, os três não demoram a encontrar uma solução comum para o problema dos dirigentes: eleição direta. "A questão do voto do

Na semana em que o Conselho Nacional de Desportos, bem ao seu estilo, jogou de pára-quadras no meio esportivo um pacote de concessões chamado Estatuto dos Atletas, onde se inclui o direito de expressão, três deles exerceram plenamente este direito, debatendo a busca de uma união da categoria que a torne sujeito de sua história e termine de vez com os pára-quadras do CND. Aliás — um dos consensos a que se chegou —, que termine com o próprio CND.

Reunidos pelo JORNAL DO BRASIL, Afonso, 39 anos, candidato derrotado à Constituinte e símbolo da luta contra a lei do passe no futebol; Isabel, 26, ex-musa do vôlei, hoje afastada das quadras por vontade própria, mas querendo voltar; e Djan Madruga, 28, ainda recordista sul-americano de natação, embora nos últimos dois anos se dedique quase exclusivamente à organização de um movimento de atletas — os três confrontaram diferenças e descobriram afinidades durante mais de três horas de conversa. Orientando tudo, a proximidade da Constituinte, "o trem da história que os atletas não podem perder", nas palavras de Afonso.

Houve divergências. Afinal, embora tenham em comum a acusação de indisciplina, aplicada aos três em algum ponto de suas carreiras, eles são muito diferentes. Basta ver em quem votaram na eleição para governador: Djan em Moreira, "em apoio ao Sarney"; Isabel em Gabeira, que tinha "a proposta mais inovadora"; e Afonso, candidato pelo PSB, em Sinval Palmeira, embora tenha chegado a balançar por Darcy "quando a eleição virou Fla-Flu". Afonso não escondeu certo escândalo pelo apoio de Isabel à taxa de transferência no vôlei, para ele "um passe disfarçado". Em seguida foi a vez de os dois unirem seus escândalos diante da veemência de Djan na condenação ao regime cubano.

Nada disso os impediu de sair do encontro com nova reunião marcada, dentro de duas semanas, esta com outros atletas que eles se encarregaram de convocar, para traçar um plano de ação comum na Constituinte. "Senão muda tudo e o esporte não muda, porque ele é secundário para a esquerda e a direita", afirma Afonso.

atleta é fundamental", sentencia Afonso. E Djan, que costumava dizer que os atletas estavam abaixo dos analfabetos, por não ter direito a voto, saudou a promulgação do Estatuto pelo CND, esta semana: "Agora fomos iguais ao analfabeto."

Eles acham que, eleito por voto direto, o dirigente vai se sentir automaticamente cobrado e responsável por seus atos. "Hoje", afirma Afonso, "a relação de poder é tão desigual que eles simplesmente ignoram o atleta." Djan vai além: "Eles têm medo de nós, morrem de medo de que nos organizemos. Porque sabem que, sem nós, o esporte não existe. Mas tudo é orientado para dar a impressão de que o dirigente preexiste ao atleta, e não o contrário."

Isabel dá um bom exemplo de como as decisões são tomadas à revelia dos atletas: a taxa de transferência para o exterior cobrada pela CBV. "Por acaso, eu sou favorável à taxa, pois se investiu no jogador e é justo que um italiano, se quiser levá-lo, pague por isso", diz ela, sob o olhar perplexo de Afonso. "Mas é preciso saber quais os critérios utilizados para se fixar essa taxa, para onde vai o dinheiro. Afinal, ela é cobrada em cima de mim, do meu trabalho."

□ A paixão

"O problema do dirigente é profundamente ligado ao problema da paixão. Ele é um apaixonado despreparado", diz Djan, projetando a conversa num campo bem mais insondável, aquele em que, comemorando um gol, cartola e jogadores se unem na mesma vibração sincera. E que torna impossível no esporte um procedimento de luta sindical como a greve branca, por exemplo: "A gente quer ganhar até pela- da", reconhece Afonso. "Agora, existem vários níveis. Chega um ponto em que a pressão sobre você se torna insuportável."

Não é um tema convencional: a conversa evolui em fragmentos. Isabel se confessa apaixonada — "já joguei sem ganhar nada e a pressão sobre mim era a mesma" — mas tem medo das dimensões que isso pode tomar. "É uma loucura isso, o cara projetar naquele jogo todas as suas paixões e frustrações", diz. "Outro dia vi um sujeito com uma arma no Maracanã, fazendo ameaças. Aí o Flamengo fez um gol e ficou tudo bem, tudo tranquilo. Tenho medo do que aconteceu em Bruxelas. É uma coisa abominável, as pessoas precisam estar com a cabeça muito pobre para torcer daquele jeito."

Afonso tem mais receio de outro massacre: aquele a que é submetido o ídolo. Junte-se a paixão inerente ao esporte com o desgoverno dos dirigentes para se chegar a um caso como o de Rivelino no Corinthians, por exemplo. "O Rivelino chegou à beira da loucura", diz ele. "Ganhava rios de dinheiro, era o jogador mais rico do Brasil, mas em compensação a cobrança era brutal. Foi só perder o título para o Palmeiras para todo mundo se voltar contra ele. Ou ele ia para o Fluminense ou para o Hospício."

Mas é nessa paixão, que pode levar ao hospício ou à glória, que reside a maior força dos atletas. É ela que move também as manifestações de protesto e os desejos de mudanças. Isabel acaba por se render: "Paixão é fundamental."

Reportagem de João Máximo, Paulo César Vasconcelos, Sérgio Rodrigues e Vicente Senna. Texto de Sérgio Rodrigues